

Contentamento e Prazer

(para uma perspectiva psico-antropológica das toxicodependências)

Nuno Felix da Costa

O Prazer e a determinação do comportamento

O homem e a sua cultura fizeram-se perto da utilidade e da função. Alguns comportamentos, depois, secundarizam-se e, embora pouco frequentemente, podemos ver pessoas a escrever poesia ou a pensar em Deus no cimo de um monte. Contudo, muitos dos comportamentos humanos correntes visam o preenchimento de necessidades básicas e a sua garantia futura e a organização social reflecte a ligação ao concreto que é a sobrevivência e o interesse da espécie em preservar-se. Qualquer destes dois objectivos estão intimamente ligados aos mecanismos do prazer associado a comportamentos consumatórios, e, de uma forma simétrica, à dor associada a comportamentos de evitamento. Trata-se de uma organização estrutural estratégica dos sistemas nervosos desde níveis elementares da filogenia, que, na sua simplicidade, permite uma máxima eficácia na prossecução das duas finalidades mencionadas.

O prazer é um conceito firme quer do ponto de vista bioquímico e psicofisiológico quer do ponto de vista psicológico e sociológico. Designa a actividade de centros cerebrais bem identificados, implicados nos processos motivacionais, cujos efeitos e interacções são bem conhecidos e utilizados como reforço pelos ofícios que manipulam as intenções e atitudes dos cidadãos.

Os centros cerebrais que regulam as motivações básicas da fome, da sede, da temperatura, do sexo mantêm estreitas conexões topográficas e funcionais com os centros onde se produz a sensação subjectiva do agradável e do desagradável, do prazer e da repulsa. James Olds ini-

ciou em 1953 uma linha de investigação no domínio da neurofisiologia dos mecanismos de reforço continuada, desde então, por muitos outros autores. A implantação de microeléctrodos em diversas localizações do cérebro, demonstrou a existência de centros cuja auto-estimulação funcionava como um potente reforço positivo num contexto experimental de condicionamento operacional. As localizações onde era possível obter o reforço positivo por autoestimulação eram o tegmentum ventral da protuberância, grande parte do hipotálamo, o cérebro límbico incluindo a amígdala e a área septal, o hipocampo, a circunvalação do cíngulo e a base do lobo temporal, mas as respostas mais exuberantes são provocadas pela autoestimulação do hipotálamo lateral e posterior, início do Feixe Cerebral Médio. Este feixe liga o sistema límbico do cérebro médio ao hipotálamo, área pré-óptica e restante sistema límbico (Nauta, 1960) e uma parte do efeito de reforço relaciona-se com actividade das fibras adrenérgicas do feixe. A destruição química selectiva das vias adrenérgicas do feixe impede a auto-estimulação e foi apontado como correspondendo a um modelo da esquizofrenia (Stein & Wise, 1971). Contudo lesões do hipocampo, septo, área pré-óptica ou amígdala não impedem o reforço por auto-estimulação cerebral o que sugere uma distribuição ainda mais difusa e abundante das estruturas centrais de reforço (Valenstein, 1966).

Animais com eléctrodos no hipotálamo lateral estimulavam os seus cérebros mais de 5000 vezes por hora constituindo a descarga eléctrica um potente reforço que podia ser usado na aprendizagem por condicionamento de outros comportamentos. Numa experiência durante

20 dias quase sem parar os ratos pressionaram a alavanca da autoestimulação em média 29,2 vezes por minuto (Valenstein & Beer, 1964). Numa experiência semelhante, macacos trabalhavam sem parar para obterem auto-estimulação, durante 16 horas por dia até ficarem completamente exaustos. Se os animais famintos tinham a possibilidade de escolher entre alimentar-se ou auto-estimular-se preferiam, em muitos casos, esta última, perseverando na sua escolha por vezes até à morte se não fossem retirados da situação (Routtenberg, 1964). Este contexto experimental mostrou como o ímpeto motivacional ligado a funções básicas pode ser "perversamente" desviado da finalidade inicial e reorientado, por condicionamento secundário, pelo efeito da autoestimulação destes centros, para novos objectos-estímulos desligados da satisfação das motivações básicas. Por outro lado a elevadíssima frequência de auto-estimulação dá bem ideia da força da motivação de obter prazer "puro". Embora neurofisiologicamente distintas as vias motivacionais básicas e as vias do reforço positivo e negativo, a sua proximidade anatómica torna difícil a estimulação de uma sem a actividade da outra.

Era possível reorientar os comportamentos apetitivos para novos objectos-estímulo desde que estes fossem apresentados concomitantemente com a estimulação dos núcleos do prazer. Nesta situação o animal preferia o novo objecto estímulo em vez do que estava antes associado à satisfação da motivação primária.

Curiosamente a força desta motivação para obter prazer é aumentada no animal em privação. Por exemplo, o animal faminto auto-estimula-se mais do que os animais saciados o que mostra muito claramente a dissociação entre o interesse do animal na sua sobrevivência em oposição á necessidade, exacerbada pela privação, de obter prazer. Paradoxalmente quando aumenta o tempo de privação alimentar, por exemplo, aumenta a preferência do animal pela autoestimulação e o desinteresse pela opção de se alimentar (Routtenberg & Lindy, 1965). Os resultados no homem são semelhantes (Bishop et al, 1963). Animais completamente saciados do ponto de vista alimentar eram capazes de grandes desempenhos para obterem alimentos saborosos mas extinguíam mais rapidamente os comportamentos aprendidos sob saciação e tinham uma recuperação espontânea mais lenta que animais privados. Outras

características anómalas da aprendizagem sob auto-estimulação são 1) menor aprendizagem com padrões de reforço pouco frequente, 2) não inibem as respostas em condições de resposta diferencial em relação ao estímulo, 3) melhor desempenho quando os ensaios são ininterruptos, 4) a extinção é rápida mesmo quando a resposta é impedida por retirada do manípulo.

Algumas características da aprendizagem nestas condições de reforço por auto-estimulação são comuns nas toxicod dependentes. O aumento da motivação para o consumo de drogas quando cresce a privação de outras necessidades, mesmo as mais básicas, é um facto explicável a partir da homologia entre toxicod dependência e auto-estimulação. Por outro lado, o carácter repetitivo dos consumos, para além de decorrer da potência do efeito da droga sobre os centros de prazer, poderá ser aproximado da necessidade de reforços frequentes para que a resposta condicionada associada ao consumo se mantenha. Nos indivíduos para quem a droga tem uma natureza lúdica e afiliativa este complexo motivacional conduziria a um padrão de consumo controlado quanto às doses e circunstâncias de administração. Quando a motivação se torna hedónica toma um carácter de auto-estimulação e deixa de ser controlada a sua administração.

As vias neuronais relacionadas com o reforço negativo correm perto das anteriores e integram o sistema periventricular colinérgico, articulando núcleos protuberanciais com o hipotálamo medial e este com fibras descendentes da amígdala e cortex frontal. As localizações aversivas coincidem com pontos onde se obtêm respostas emocionais de alarme, de fuga, de ataque ou de defesa. A autoestimulação nos pontos que desencadeiam respostas de alarme são evitadas mas, onde a resposta é de fuga, o animal inicia a estimulação para logo a interromper, sugerindo a existência de um componente positivo (Roberts, 1958).

O efeito estimulante das anfetaminas e da cocaína relaciona-se com a estimulação indirecta das vias da dopamina: inibem a recaptação sináptica de dopamina e inibem a actividade das células dopaminérgicas aumentando a concentração sináptica e a repleção pré-sináptica em dopamina (Wise, 1978). O bloqueio dos receptores dopaminérgicos impede o efeito de reforço da anfetamina (Risner & Jones, 1980). A estimulação mesolímbica com doses moderadas provoca um aumento da actividade que com o aumento das doses passa a estereotípicas

que manteriam, contudo, um carácter investigatório ligado à exploração do meio. Foi proposto que o efeito de reforço das vias dopaminérgicas seria enquadrável dentro duma função mais geral de activação psicomotora implicada tanto no ímpeto motivacional como na curiosidade (Wise, 1988).

A nível psicológico a curiosidade foi estudada como uma motivação básica capaz de servir de reforço num contexto de condicionamento (Berlyne). Os organismos procuram, mais do que a simples redução do ímpeto motivacional ligado a homeostase, a manutenção de níveis de estimulação associados à exploração do meio. No homem a curiosidade vulnerabiliza-o em sociedades de mercado muito dinâmicas onde a oferta de novos produtos é incessante. A atracção pelo que é novo, complexo, surpreendente, inunda-o num excesso de estímulos, incapaz de seleccionar os que lhe são relevantes. Como se desistisse de os integrar consome-os em vez, e, nesse consumo, aliena-se, desenfreado, como se fosse o cimento para uma fragmentada imagem do Universo. Neste sentido as toxicodependências realizam, no paradoxo, a imagem do cidadão consumidor, maximamente alienado e aquiescente.

A juvenilização das espécies antropoides descrita pela Etologia, isto é, a persistência no adulto dos comportamentos característicos do jovem, o gosto pelo lúdico, pelo divertimento, pelo jogo sem outra utilidade, constitui outro factor biológico favorável à penetração fácil dos mecanismos do prazer. O desafio e os confrontos territoriais ritualizam-se nos desportos domingueiros, promovidos a importantes instrumentos de coesão social, quer por permitirem a descarga controlada, neutralizada e reorientada da agressividade acumulada durante a semana nas frustrações, adiamentos e cansaço quotidianos, quer por funcionarem como polo de organização dum "sentimento de pertença a", de afiliação a um grupo um pouco mais concreto que a enorme e obscura coisa que é um estado moderno.

É possível que os efeitos hedónicos das drogas tenham outros mecanismos adicionais o que justifica o efeito específico de cada uma, mas é aceitável que se limitem a interagir com estas sinapses do prazer em determinados níveis dos circuitos neuronais. Na verdade, no que respeita à heroína, os locais de maior concentração de receptores opioides, o tegmentum ventral e o núcleo accumbens, onde a auto-estimulação com infusões de

opiáceos é mais eficaz, coincide com as vias dopaminérgicas do feixe cerebral médio implicado no efeito de reforço por auto-estimulação eléctrica.

Por outro lado o tegmentum ventral onde o reforço positivo por auto-estimulação é mais intenso, não se associa a dependência física. Animais tratados com infusões contínuas de morfina durante 72 horas (Bozarth & Wise, 1984) não mostram sinais de dependência física o que acontece, em condições semelhantes, se a localização for na substância cinzenta periventricular, zona desprovida de efeito de reforço positivo. Isto significa mecanismos diferentes para o efeito positivo resultante da actividade do feixe cerebral médio e para o processo de dependência e alívio dos sintomas de privação. Num animal em privação de opiáceos a injeção de morfina na substância cinzenta periventricular atenua a intensidade do quadro. A actividade desta região, estimulada por opiáceos, tem sido implicada, também, no alívio da dor e do sofrimento por luto ou isolamento social diminuindo os gritos do animal de experiência em isolamento (Panksepp et al., 1978).

O ponto deste argumento é a relação de tensão entre dois níveis de estruturas do sistema nervoso: as funções associadas ao prazer e, do outro lado, o funcionamento psicológico orientado por objectivos representados interiormente e antecipados simbolicamente, cuja prossecução e satisfação origina contentamento.

A antecipação das vantagens também determina comportamentos

Embora os mecanismos do prazer, partilhados com animais filogeneticamente tão primitivos como os répteis, influenciem o comportamento humano o que parece ser característico da espécie é o enorme desenvolvimento das funções neocorticais relacionadas com o processamento simbólico da informação e a capacidade de planejar e antecipar a acção. A constituição biológica, embora prenda o homem a certos invariantes pré-determinados, é fundamentalmente um programa aberto e susceptível de múltiplos percursos.

A estratégia adoptada terá sido a de substituir o alargamento do repertório de coordenações motoras fixas, dependentes das configurações de estímulos do ambiente, pelo desenvolvimento da capacidade de aprender,

isto é, deixar cada vez mais aberta à influência do meio e à experiência acumulada a determinação do comportamento mais adaptado. O que marca distintamente a natureza do homem é, com a faculdade da linguagem, a capacidade de processar a informação simbolicamente. Na verdade a linguagem permite uma emancipação crescente, ontogenética e filogenética, em relação à presença dos estímulos com vista à adaptação, isto é, permite a antecipação dos objectivos da acção, das finalidades que o comportamento visa atingir.

Esta capacidade de representar a acção utilizando a linguagem como suporte se é um potente meio de operar sobre a realidade, comprometeu a espécie humana num percurso evolutivo gerador da variedade; a nível social diversidade cultural, a nível individual múltiplas opções afectando profundamente aquilo que cada homem pode fazer com a sua vida. A liberdade pode ser entendida, neste contexto, como posse do controlo das opções que permitem auto-realização. Trata-se de um espaço conquistado aos determinantes instintivos da acção e que se manifesta como uma capacidade de escolher objectivos e de os prosseguir de uma forma autónoma dos mecanismos da dor e do prazer imediato.

À medida que se complexificaram os sistemas nervosos centrais, a adaptação ao meio ficou menos dependente de relações instintivas rígidas com o exterior. Quanto maior a relação entre o volume cerebral e a superfície do corpo, maior é a capacidade de aprendizagem, maior é a importância da experiência no enriquecimento do repertório de comportamentos disponíveis perante as solicitações do meio. O crescimento do volume cerebral fez-se à custa das áreas associativas relacionadas com este processamento integrado da informação.

Assim a especificidade biológica do homem parece residir na abertura máxima do seu programa genético criando uma indeterminação ontogenética susceptível de ser resolvida segundo múltiplos percursos, orientada para múltiplos objectivos, permitindo a adaptação aos ambientes mais variados, os modos de vida mais diversos. A indeterminação dos circuitos neuronais é estabilizada pela experiência do meio e pela antecipação dos objectivos relevantes a atingir. O meio e a possibilidade efectiva de escolher objectivos relevantes definem, em conjunto, o espaço aberto onde faz sentido falar de liberdade. O contentamento pode ser formulado como uma satis-

fação de ordem superior que é proporcionada pela aproximação aos objectivos livremente escolhidos. As drogas operaram uma modificação nas condições ecológicas do homem semelhantes à dissociação entre prazer e interesse que Olds experimentalmente conseguiu. Removem o controlo inibitório neocortical sobre os centros do prazer e põem o homem a funcionar de uma forma límbica comum aos répteis.

Articulação de níveis de decisão

No cérebro humano é como se existissem portanto, dois centros de decisão procedendo segundo princípios de acção radicalmente distintos, em paralelo ao que, na metáfora freudiana se designa por processos primários, regidos pelo princípio do prazer, versus processos secundários, norteados pelo princípio da realidade.

Também os estudos de Maclean sobre o sistema límbico apontam para a existência duma "esquizofisiologia" das regulações afectivas, instintivas e emocionais dos comportamentos básicos que dele dependem em oposição às regulações predominantemente inibitórias neocorticais. A ausência de generalização dos focos epilépticos límbicos ao neocortex é a favor dum certo isolamento estrutural, contrapartida anatómica dessa esquizofisiologia.

Olds refere também a evidência da oposição funcional entre estas duas estruturas ao constatar que a destruição bilateral do neocortex tem como consequência um marcado aumento dos comportamentos de auto-estimulação explicável pela remoção das influências inibitórias neocorticais sobre o hipotálamo.

Grande parte dos meios de controlo social sobre o cidadão fazem amplo recurso aos mecanismos do prazer. Por um lado a lei para cumprir, por persuasão ou sobre coacção, mas, do outro lado, o prazer. Os apelos irracionais erotizando o consumo como uma finalidade em si, tal como o prazer puro das experiências de Olds, criam uma visão fantástica que perseguirá talvez o cidadão das sociedades da prosperidade e do prazer abundante: a repleção. Não apenas a obesidade mas uma obesidade alegórica feita duma generalizada perversão das regulações motivacionais fundamentais postas fora da acção moderadora e integradora do neocortex.

O comportamento das pessoas parece hoje dividido entre estes dois polos opostos: zonas de funcionamento

neocortical moldadas pela racionalidade, pela frieza, pela objectividade, pelo método, qualidades que as forças sociais prevalentes exigem, em troca do salário, na relação com elas, constituindo o que é um comportamento cívico responsável e, num polo oposto, zonas de funcionamento paleo-corticais, o reino dos divertimentos, das actividades agonísticas desportivas, da fantasia e da irracionalidade que os cidadãos podem gozar nas horas roubadas ao ócio e à reflexão. As técnicas de orientação da opinião e de moldagem de atitudes dos grandes meios de comunicação social reforçam uma desintegração esquizica da intencionalidade pela desvalorização do feed-back negativo neocortical que controla a justa medida em que os comportamentos consumatórios ligados ao prazer permitem a viabilidade a prazo do organismo, da pessoa e da espécie. Nas sociedades de mercado, a intencionalidade, feita da orientação para a auto-realização, fragmenta-se dando origem a um novo comportamento social da pessoa urbana assente na perda dos vínculos afectivos que uniam a pessoa ao grupo. Sob a capa do igualitarismo democrático o sentimento de solidariedade é substituído por vínculos frios, normativos, formais, geradores dum individualismo hedónico e egoísta, duma superficialidade nas relações afectivas, duma incapacidade de tolerar o sofrimento ou de agir que não seja por recompensas próximas.

A distância entre estes dois determinantes do comportamento humano é, talvez, proporcional à diferença entre as formulações doutrinárias da Ética que privilegiam a liberdade e dão lugar ao humanismo, ou o prazer conduzindo ao mercantilismo liberal como valor fundamental na vida do homem.

As toxicodependências e a personalidade

Alguns autores defenderam a ocorrência de toxicodependências dentro de um quadro psicopatológico, de depressão, frustração, ansiedade ou tensão, representando o abuso de droga um comportamento instrumental, redutor da tensão associada ao sintoma. A explicação das toxicodependências a partir dum locus vulnerável na personalidade, caracterizada como anti-social, narcísica ou psicopática, é inadequada por confundir uma perturbação funcional, consequência da toxicodependência sobre a personalidade, com traços distintivos que a explicariam. Em ambos os casos se faz uma clara inversão do nexos causal. A dependência de

drogas conduz a um padrão motivacional marcado pela ausência de objectivos a prazo ou pela grande prevalência de objectivos imediatos, o que constitui um padrão de funcionamento da personalidade perturbado, muitas vezes associado à desertificação da vida a nível social, afectivo, profissional e, quase sempre, material, que pode dar lugar à produção de sintomas psicopatológicos. A comorbilidade psicopatológica com uso instrumental da droga para controlo dos sintomas é uma ocorrência pouco frequente.

Não parece necessário postular qualquer vulnerabilidade pessoal para explicar a toxicodependência. Em contextos sociais e psicológicos propícios todas as pessoas estão vulneráveis à dependência de drogas. Na verdade, os mecanismos do prazer que subjazem à determinação do comportamento hedónico, se a moda encoraja, se o acesso disponibiliza, se os valores permitem ou fraquejam, se o grupo faz o mesmo, não encontram resistência dos centros neocorticais responsáveis pela antecipação das vantagens e pela acção planeada, e consome-se. Depois as próprias características da droga contribuem, a par da manutenção das condições iniciais, para a continuação dos consumos.

A farmacocinética das drogas faz variar os estados motivacionais do toxicodependente através da rápida alternância de estados de elacção do humor com estados de privação gerando um efeito em que a personalidade se polariza em cada um destes dois extremos de uma forma manifesta não apenas num padrão organizado de comportamentos mas também nas atitudes, valores, projectos de futuro e planos de acção a curto prazo. Esta alternância de atitudes e comportamentos relativamente aos consumos é, frequentemente, mal interpretada na clínica como correspondendo a uma irresponsabilidade de tipo psicopática que justifica a permanente desconfiança do terapeuta.

Implicações terapêuticas

O prazer associado à satisfação da homeostase é dissociado, pelas drogas, da sua finalidade adaptativa. Dentro do contexto duma antinomia biológica e psicológica entre prazer e contentamento o objectivo psicoterapêutico geral com estes doentes pode ser formulado como a substituição da ordem de funcionamento límbica associada ao prazer da droga por uma ordem integradora neo-cortical.

A vivência do tempo do toxicodependente centra-se no presente, moldada pelo padrão de relação com a droga,

onde resulta o desprendimento em relação a projectos de futuro. Contudo, o renascer da capacidade para se empenhar no planeamento da sua vida marca o afastamento do funcionamento psicopático condicionado pelas drogas e, por outro lado, garante solidez à suspensão dos consumos. Tal como eram imediatos os efeitos das drogas também as expectativas do toxicodependente quando decide a abstenção são muito exageradas. Espera resultados imediatos ao nível da relação com a família, com a profissão, com a sociedade em geral e desespera se as recompensas não são imediatas. Não compreende a demora e as desconfianças por parte dos familiares, justificadas por anos de mentiras e transgressões e a frustração dessas expectativas é um pretexto frequente de recaída quando já esqueceu os motivos porque decidiu parar mas ainda recorda o efeito da droga que lhe surge então como a única compensação possível para o desprazer com que se confronta.

Por esta ordem de razões nenhuma terapêutica pode rivalizar com drogas cada vez mais precisas e eficazes nos efeitos hedónicos que provocam. Nenhum outro prazer mediado se lhe compara. Drogas como a heroína saturam rapidamente os receptores "do prazer" como nenhuma outra situação que ocorra na vida de um cidadão. Assim qualquer estratégia psicoterapêutica que passe pela orientação para fontes alternativas de prazer (senão assenta numa utilização equívoca do termo) está destinada ao fracasso. É importante deslocar os objectivos a prosseguir para outra lógica como outros critérios de satisfação desligados do prazer, por exemplo, o contentamento pela libertação da dependência da droga, pelo restabelecimento dos vínculos que a dependência de drogas quebrara ou a reconstrução duma vida de relação satisfatória. A reparação dos danos sobre a personalidade e, nos jovens, uma falsa autonomização face aos pais no quadro de uma perturbação geral da socialização são objectivos terapêuticos relevantes.

De um lado o prazer, do outro a liberdade. Uma antinomia genética, estrutural, funcional, social e política. Independentemente da sua utilidade política como fundamento da responsabilidade do cidadão, pressuposto subjacente à organização do Estado, a liberdade, do ponto de vista psicológico, limita-se ao sentimento desencadeado pela existência de mais que uma alternativa possível num dado momento e relativa a um mesmo objecto ou situação. Contudo é a partir da vivência do sentimento de

liberdade que o homem se projecta no duplo sentido de antecipar as consequências das suas escolhas imediatas mas também no sentido de opção por um trajecto, um percurso que o conduza a objectivos que satisfaçam o que seja a sua natureza. O trabalho psicoterapêutico passa pela revalorização da liberdade que o fim da toxicod dependência permite, uma satisfação verdadeiramente humana e uma linguagem sentida por estes doentes. Estes valores são especialmente úteis no quadro de uma abordagem existencial da toxicod dependência.

Se existe um mecanismo biológico comum a todas as drogas que produzem o efeito de reforço positivo então poder-se-á pensar que o efeito hedónico será parcialmente sobreponível e as drogas intersubstituíveis. Trata-se de um aspecto clínico importante já que outras drogas estimulantes podem activar os centros implicados no efeito de reforço da heroína e actualizar um comportamento já extinto, de auto-estimulação (Stewart, 1984). Bastou uma administração intra-craniana de opiáceos para reactivar o padrão de autoadministração de heroína mesmo na ausência de dependência psicológica (Edwards, 1981).

Por outro lado este mecanismo de reforço positivo é suficientemente potente para produzir dependência psicológica e as sucessivas recaídas nos consumos independentemente do sofrimento da privação como factor de manutenção na droga. Se o mecanismo da auto-estimulação é o principal responsável pela manutenção dos consumos na heroíno dependência e não o receio da privação, o tratamento centrado na desintoxicação é insuficiente. Na verdade, serão de esperar muito mais frequentemente impulsos para o consumo ocorrendo na base do efeito positivo da droga em que as memórias evocadas por estímulos ambientais, são um poderoso incentivo. Tal como o reforço positivo é um facto biológico a sua memória também o é, e é ela a origem da dependência psicológica e dos comportamentos da privação (Gallistel et al, 1981).

Os modelos animais mostram que a redução da potência de reforço da droga conduz a um aumento compensatório da frequência de auto-estimulação, seja na auto-administração de opiáceos após tratamento com antagonistas opiáceos (Vaccarino, 1985), seja no tratamento neuroléptico (Wise, 1976) ou quando meramente se dilui a concentração das doses de droga. O organismo obtém um efeito menos intenso mas também menos duradouro que o obriga a uma maior frequência de administrações. Se o

comportamento instrumental de pressionar a alavanca pode ser visto como o custo da auto-administração de drogas, a dedicação a esse objectivo aumenta quando diminui a intensidade do efeito. Este efeito deve ser tomado em consideração, por um lado quando se pondera os resultados mais devastadores da heroína quando são menores os meios de compra, mas também quando se avalia a menor eficácia das terapêuticas de substituição de opiáceos com doses reduzidas de metadona.

Na reabilitação da toxicodependência é importante uma estratégia de prevenção das recaídas. Não se pode confiar que a atitude relativamente às drogas seja apenas racional e assente no conhecimento dos riscos de iniciar os consumos. Uma decisão tomada hoje baseada num certo número de factos pode ser revogada quando, noutras circunstâncias, os mesmos factos são valorizados de outra forma. Durante algum tempo permanecerá esta ambivalência e ambas as opções conseguem coexistir dentro do indivíduo como um conjunto integrado de atitudes, valores e disposições para a acção, nos vários planos da sua vida. Assim a abstenção deve ser vista como um frágil equilíbrio sempre susceptível de ser derrotado em circunstâncias determinadas. A decisão patenteadada na sessão terapêutica pode não se manter se o toxicodependente nessa noite encontra os antigos companheiros de droga. O treino comportamental de aptidões, antecipando as circunstâncias diversas e os meios de maior risco, pode ser mais eficaz na prevenção das recaídas (O'Connor & Saunders, 1992) já que se devem, mais frequentemente, a estados emocionais negativos de ansiedade ou tristeza reactivos, ou a conflitos que o toxicodependente tem dificuldade em resolver e que as drogas ensinaram a não tolerar. As drogas constituíram-se em mecanismo preferencial de coping com estas situações e o doente sente-se desarmado para lidar com elas doutra forma (Marlatt, 1985). ■

Nuno Felix da Costa

Psiquiatra

Psicologia Médica,

Faculdade de Medicina de Lisboa

RESUMO: *Tenta-se um enquadramento psico-antropológico para a toxicodependência. Tomando a dependência de heroína como paradigma, as toxicodependências são concebidas como perturbações motivacionais adquiridas em contextos socio-culturais que moldam a sua forma clínica. O processo de aquisição motivacional é muito rápido, dependente do potente efeito de reforço positivo sobre o S.N.C.. A motivação para o abuso da droga toma um lugar de cada vez maior relevo na hierarquia de motivações do indivíduo, até subordinar a si todas as outras. Neste trabalho os princípios que determinam o comportamento no S.N. humano são considerados desde o nível psicofisiológico e psicológico até ao nível antropológico. Estes princípios de acção, associados a motivações básicas, organizam os comportamentos dos organismos a partir da antinomia prazer/dor desde um nível filogenético muito inferior ao humano. As toxicodependências são artefactos que se introduzem nas regulações destas motivações e curto-circuitam-nas autonomizando o prazer da sua função ligada à sobrevivência para uma finalidade que se esgota no prazer que a droga proporciona. Por outro lado aponta-se a tendência da filogenia humana para a complexificação, designadamente pelo grande desenvolvimento do neocortex, em particular dos lobos frontais responsáveis pela antecipação das recompensas e pela faculdade do planeamento da acção. Da mesma forma o processamento simbólico da informação na linguagem possibilita uma emancipação em relação ao concreto das necessidades imediatas que distingue definitivamente o Homem dos outros animais. Definem-se assim dois níveis de decisão com princípios de acção opostos e de cuja interacção resultam tensões, conflitos e equilíbrios provisórios expressos no comportamento do indivíduo. As toxicodependências subvertem esta negociação entre objectivos imediatos e as vantagens a prazo. Desta forma se chega à distinção entre o prazer ligado a motivações fisiológicas ou básicas as quais procuram uma satisfação imediata, necessária ao interesse da espécie e à sobrevivência do organismo, e no polo especificamente humano, o contentamento que resulta da aproximação a objectivos a prazo. Conceitos como liberdade e responsabilidade são nucleares não só na conceptualização da relação do cidadão com o Estado mas, na reabilitação dos doentes toxicodependentes, direccionam e alimentam comportamentos orientados para a realização pessoal que conferem estabilidade à suspensão dos consumos de drogas. ■*

RÉSUMÉ : L'auteur essaye un encadrement psycho-anthropologique pour la toxicomanie. Prennant comme paradigme la dépendance d'héroïne, les toxicomanies sont conçues comme des perturbations motivationnelles acquises dans des contextes socio-culturels qui moulent sa forme clinique. Le procès d'acquisition motivationnelle est très rapide, dépendant de l'effet puissant du renfort positif sur le S.N.C. La motivation pour l'abus de drogue prend une place plus en plus importante dans l'hierarchie de motivations du sujet, jusqu'à subordonner à soi toutes les autres.

Dans ce travail, les principes qui déterminent la conduite dans le système nerveux humain sont considérés du niveau psychophysiologique et psychologique au niveau anthropologique. Ces principes d'action, associés à des motivations basiques, organisent les conduites des organismes en partant de l'antinomie plaisir/douleur d'un niveau phylogénétique très inférieur à celui de l'homme.

Les toxicomanies sont des artefacts qui s'introduisent dans les régulations de ces motivations provoquant un court-circuit et autonomisant le plaisir de sa fonction lié à la survivance pour une finalité que s'épuise dans le plaisir procuré par la drogue. D'autre côté, on signale la tendance de la phylogénie humaine pour la complexification, notamment par le grand développement du neo-cortex, particulièrement des lobes frontaux responsables par l'anticipation des récompenses et par la faculté de faire des plans concernant l'action. De la même façon, le processus symbolique de l'information dans le langage permet une émancipation en ce qui concerne le concret des besoins immédiats qui distingue les hommes des autres animaux. Sont ainsi définis deux niveaux de décision avec des principes d'action opposés et dont l'interaction cause des tensions, des conflits et des équilibres provisoires manifestés dans la conduite du sujet.

Les toxicomanies subvertissent cette négociation entre les objectifs immédiats et les avantages à long terme. Ainsi, on arrive à la distinction entre le plaisir lié aux motivations physiologiques ou basiques lesquelles procurent une satisfaction immédiate, nécessaire au bénéfice de l'espèce et à la survivance de l'organisme et, dans le pôle spécifiquement humain, le contentement qui résulte de l'approche à des objectifs à terme. Des concepts comme liberté et responsabilité sont nucléaires non seulement dans la conceptualisation de la relation du citoyen avec l'État mais aussi, dans la réhabilitation des malades toxicomanes parce qu'ils directionnent et nourrissent des conduites orientées vers la réalisation personnelle qui donnent une stabilité à la suspension de la consommation de drogues. ■

ABSTRACT: The author tries a psycho-anthropological view of drug addiction. Taking the heroine addiction as paradigm, drug addictions are conceived as motivational disturbances acquired in social-cultural contexts that shape its clinical forms. The process of motivational acquisition is very fast, depending from the powerful effect of positive reinforcement over the central nervous system. Motivation for drug abuse takes a more and more important place in the individual's motivation hierarchy, until it subordinates all the others.

In this work, the principles which determine behaviour in the human nervous system are considered from the psycho physiological and psychological levels to the anthropological level. These action principles, associated with basic motivations, organise the behaviours of organisms from the antinomy pleasure/pain, from a phylogenetical level very inferior to the human one. Drug addictions are artefacts that shuffle into the regulations of these motivations making a short-circuit and autonomising pleasure from its function linked to survival, to a finality that exhausts itself in the pleasure given by drugs. On the other hand, the author points out the human phylogeny's tendency to complexification, namely through the big development of the neo cortex, particularly of the frontal lobes responsible for the anticipation of rewards and for the faculty of action planning. Likewise, the symbolic treatment of information in language allows an emancipation from the concrete immediate needs that definitely distinguishes man from other animals. In this way are defined two levels of decision with opposed action principles and from whose interaction result provisory tensions, conflicts and balances expressed in the individual's behaviour.

Drug addictions subvert this negotiation between the immediate goals and the long term advantages. In this way we arrive to the distinction between pleasure linked to physiological or basic motivations which need immediate satisfaction necessary to the interest of species and to the survival of the organism, and in the specifically human pole, the contentment that results from the approach to long term goals. Concepts like freedom and responsibility are nuclear not only to the individual's relation to state but, in the rehabilitation of drug addict patients, they direct and feed behaviours orientated towards personal fulfilment that confer stability to the suspension of drug abuse. ■

B I B L I O G R A F I A

- BISHOP, M.P., EILDER, S.T. & HEATH, R.G. (1963). Intracranial self-stimulation in man. *Science*, 140, 394-395.
- BOZARTH, M.A. & WISE, R.A. (1984). Anatomically distinct opiate receptor fields mediate reward and physical dependence. *Science*, 224, 516-517.
- EDWARDS, G., ARIF, A. & HODGSON, R. (1981). Nomenclature and classification of drug- and alcohol-related problems: A WHO memorandum. *Bulletin of the World Health Organization*, 59, 225-242.
- FELIX DA COSTA, N. (1988). Liberdade e prazer: a sedução da tecnologia e a angústia da liberdade. In *Tecnologia e Liberdade*. Ed. Sementeira, Lisboa.
- GALLISTEL, C.R., Shizgal, P. & Yeomans, J. (1981). A portrait of the substrate for self-stimulation. *Psychological Review*, 88, 228-273.
- MARLATT, G.A. (1985). Coping and substance abuse: Implications for research, prevention and treatment. in *Coping and Substance use*. Shiffman, S. & Wills, T.A., Academic Press, San Diego.
- NAUTA, W.J.H. (1960). Some neural pathways related to the limbic system. In *Electrical studies on the unanesthetized brain*. E.R. Ramey & D.S. O'Doherty, Eds. New York, Paul Hoeber, 1-16.
- O'CONNOR, J. & SAUNDERS, B. (1992). Drug education: An appraisal of a popular preventive. *The Intern J. Addictions*, 27, 165-185.
- OLDS, J. & MILNER, P. (1954). Positive reinforcement produced by electrical stimulation of the septal area and other regions of the rat brain. *J. comp. physiol. Psychol.*, 47, 419-427.
- PANKSEPP, J. et al. (1978). The biology of social attachments: opiates alleviate separation distress. *Biological Psychiatry*, 13, 607-618.
- RISNER, M.E. & JONES, B.E. (1980). Intravenous self-administration of cocaine and noncocaine by dogs. *Psychopharmacology*, 71, 83-89.
- ROBERTS, W.W. (1958). Both rewarding and punishment effects from stimulation of posterior hypothalamus of cat with same electrode at same intensity. *J. comp. physiol. Psychol.*, 51, 400-407.
- ROUTTENBERG, A. & LINDY, J. (1965). Effects of the availability of rewarding septal and hypothalamic stimulation on barpressing for food under conditions of deprivation. *J. comp. physiol. Psychol.*, 60, 158-161.
- STEIN, L. & WISE, C.D. (1971). Possible etiology of schizophrenia: progressive damage to the noradrenergic reward system by 6-hydroxydopamine. *Science*, 171, 1032-1036.
- STEWART, J. (1984). Reinstatement of heroin and cocaine self-administration behaviour in the rat by intracerebral application of morphine in the ventral tegmental area. *Pharmacology, Biochemistry and Behavior*, 29, 917-923.
- VACCARINO, F.J., BLOOM, F.E. & KOOB, G.F. (1985). Blockade of nucleus accumbens opiate receptors attenuates intravenous heroin reward in the rat. *Psychopharmacology*, 86, 37-42.
- VALENSTEIN, E.S. & BEER, B. (1964). Continuous opportunity for reinforcing brain stimulation. *J. exp. Anal. Behav.*, 7, 183-184.
- VALENSTEIN, E.S. (1966). The anatomical locus of reinforcement. In *Progress in physiologic psychology*. E. Stellar & J.M. Sprague, Eds. NY, Academic Press, 149-190.
- WISE, R.A. (1978). Catecholamine theories of reward: a critical review. *Brain Research*, 152, 215-247.
- WISE, R.A. (1988). The neurobiology of craving: implications for the understanding and treatment of addiction. *J. Abn. Psych.*, 97, 118-132.